



# A clínica daseinsanalítica: uma aproximação com padre Júlio Lancellotti

**Marcos Vinicius da Cruz**

Faculdade Sudoeste Paulista  
psi.marcosviniciuscruz@gmail.com

Recebido em: 26/07/2023

Aceito em: 11/09/2024

## Resumo

O presente trabalho, de caráter bibliográfico, surgiu da observação da ação de padre Júlio Lancellotti junto à população em situação de rua e outros grupos. Essa observação permitiu aparecer a problemática acerca da possibilidade de aproximação entre o seu fazer com posturas e atitudes a que o terapeuta daseinsanalista é chamado a realizar. Nesse sentido, esboçou-se o desenvolvimento dessa possibilidade de aproximação como objetivo principal deste trabalho. Para isso, desenvolveu-se em três momentos: uma análise de estruturas de herança histórica das psicoterapias modernas, marcadas pela relação confessional cristã do pastor e ovelha; uma descrição das ações de padre Júlio Lancellotti, compreendidas em seu aspecto não-identitário e, por fim, um apontamento que partiu do que aí se notou, o cuidado não substitutivo, para a consideração da atitude do terapeuta daseinsanalista como aquele que se mantém na tensão com a organização histórica e identitária do paciente para fornecer espaço de descoberta e assunção das possibilidades mais próprias de ser.

**Palavras-chave:** Psicologia clínica; Fenomenologia hermenêutica; Daseinsanálise;

## A clínica daseinsanalítica: uma aproximação com padre Júlio Lancellotti

**E**ste breve ensaio objetiva realizar uma aproximação entre padre Júlio Lancellotti e a atitude terapêutica a que se propõe a Daseinsanálise. Por atitude compreende-se exatamente o critério de análise em favor de uma possível aproximação: os modos de ser de ambos naquilo que parecem carregar em comum, um modo de cuidado que se estabelece como liberador do poder-ser daqueles que recebem essas atitudes de cuidado.

Nesse sentido, e assim estabelecidos o objetivo e a principal hipótese, expresse-se ainda, como justificativa, que se espera poder esse trabalho contribuir para a reflexão acerca da clínica daseinsanalítica, a figura do terapeuta e o modo de relação com as pessoas, histórias, sentidos e necessidades apresentadas ao terapeuta, por meio de uma aproximação incomum. Incomum no sentido de que não se trata, por um lado, de uma comparação ou, por outro, de uma interpretação de caráter judicativo, a que se possa estabelecer qualquer juízo moral sobre as atitudes de um ou de outro. Nesse sentido, alguns elementos podem ser evocados como solo comum, a fim de estabelecer tal aproximação, considerando que Júlio Lancellotti não é psicólogo nem realiza atendimento clínico em *setting* terapêutico, mas sim padre e com proeminente atuação social junto a moradores de rua.

Dentre os elementos em comum que chamam a atenção para essa pessoa de referência estão efetivamente seus modos de ser, naquilo em que toca a historicidade dos modos de ser da própria clínica. Ou seja, colocado em uma problemática delimitada: os modos de ser de padre Júlio Lancellotti dizem algo acerca dos modos de ser - ou de ser-com-os-outros - da clínica daseinsanalítica?

A hipótese de que sim, há algo que os aproxima, se constitui efetivamente pelos mesmos elementos que nos modos de ser do padre chamam a atenção: uma maneira de cuidar que parece sustentar-se não sobre uma formação pastoral de subjetividades identitárias, mas sobre uma perspectiva liberadora para a visibilidade, para o poder ser próprio de quem é atendido.

Para essa análise se estruturou um trabalho bibliográfico, que toma por referências materiais, de autoria do padre Júlio a obra *Amor à maneira de Deus*, 2021, assim como falas públicas e discursos e, pelo lado daseinsanalítico, textos de Martin Heidegger (*Ser e Tempo*, 2017), Alice Holzhey-Kuntz (*Daseinsanálise: o olhar filosófico-existencial sobre o sofrimento psíquico e sua terapia*, 2018), Dastur e Cabestan (*Daseinsanálise: Fenomenologia e Psicanálise*, 2015) Marco Casanova (*Existência e Transitoriedade*, 2021) e, especialmente, o trabalho de Alexandre Cabral (*Psicologia pós-identitária*, 2018). Em sua estrutura, o texto se compõe de três momentos: um olhar para o histórico comum que marca o ser padre e o ser terapeuta, isto é, a estrutura a que o professor Cabral denominou confissão e denota

a relação pastor-ovelha. Um olhar para a ação de padre Júlio e seu modo de ser padre e, por fim, uma compreensão de alguns elementos estruturais comuns desse modo de ser do padre para com os elementos de uma atitude clínica a que a Daseinsanálise se propõe enquanto relação com seus pacientes.

## **Padre Júlio Lancellotti**

Diga-se, de início, algumas palavras acerca da atuação de Júlio Lancellotti, seu modo de lidar com as pessoas e alguns lugares pelo qual passou em seus trabalhos. Essas amostras biográficas têm a finalidade de apontar para as possibilidades de análise em aproximações temáticas que terão lugar em seguida. Esses relatos biográficos, publicados mormente de sua própria pena (LANCELLOTTI, 2021) têm valor de fenômeno, evocando propriamente a analítica a que nos propomos acerca das relações entre os modos de ser de padre Júlio, isto é, sua medida histórica enquanto sentidos transcendentais de suas ações e discursos, para com os modos possíveis de estruturação de uma figura tal como o terapeuta e seu modo de ser a que se propõe a Daseinsanálise.

Júlio Renato Lancellotti é presbítero da Igreja Católica Apostólica Romana, incardinado na Arquidiocese de São Paulo como pároco na Paróquia São Miguel Arcanjo, localizada na região da Mooca em São Paulo-SP. Formado em pedagogia e com conhecimentos em enfermagem, atuou para a fundação da Pastoral do Menor, assim como participou da elaboração do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), promulgado em 1990 (LANCELLOTTI, 2021).

Na década de 1990 foi responsável, junto a outros religiosos, pela fundação e condução da Casa Vida<sup>1</sup>, uma casa de acolhimento constituída em virtude do recentemente elaborado ECA, com vistas aos cuidados com crianças soropositivas. Relata Júlio Lancellotti que aquelas eram pessoas vistas “com assombro pela sociedade, porque ninguém sabia o que fazer com elas nem o que seria delas” (2021, p. 24). Relata ainda Lancellotti que também ele nada sabia sobre a AIDS, mas que a fundação da Casa Vida lhe surgiu em vista dos cuidados para com essas pessoas que enfrentavam exclusões, isolamentos, cárceres, em vista do desconhecimento sobre a AIDS e seus métodos de transmissão. Sua intenção, conforme o mesmo relato, era cuidar dessas crianças segundo sua dignidade, isto é, “como uma resposta à situação de morte que a AIDS e o preconceito acarretavam” (LANCELLOTTI, 2021, p. 25).

Na mesma década atuou junto aos jovens da Febem e em penitenciárias masculinas e femininas. Em algumas dessas ocasiões intermediou conflitos entre os internos e as forças de segurança. Ao que conta (LANCELLOTTI, 2021, p. 80) em 1999, mediou relações

1 Cf. informações do portal eletrônico oficial: <http://web.peacelink.it/latina/casavibr.html>

durante uma rebelião ocorrida na Febem, atuando para evitar agressões e para dialogar com a direção da instituição a fim de se estabelecerem caminhos de ação.

Atualmente padre Júlio coordena, a partir da Paróquia São Miguel Arcanjo, a Pastoral do Povo da Rua em defesa da dignidade e dos direitos dos moradores de rua. Sua atuação abrange um café da manhã diário para pessoas em situação de rua, doação de itens de alimentação, vestimenta e higiene pessoal, acompanhamento da saúde por meio de encaminhamentos a unidades de saúde e ações de vacinação. Em 2020, padre Júlio foi condecorado pela prefeitura de São Paulo com o prêmio Dom Paulo Evaristo Arns de direitos humanos e em 2021 com o Colar de Honra ao Mérito pela Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo.

## O poder pastoral

Uma relação imediata que se pode estabelecer entre a figura de Júlio Lancellotti e a clínica psicológica se dá em termos hermenêuticos. Essa relação tem como eixo um elemento da tradição de constituição da clínica psicológica que carregou inspirações religiosas cristãs da relação entre o fiel e o padre (especialmente quanto à relação estabelecida entre fiel e confessor) para caracterizar também a relação entre paciente e terapeuta. A estrutura clínica em seguida originou-se em seu sentido a partir da estrutura, sentido e finalidade das confissões. Ao que afirmou Cabral (2018), a estrutura clínica se estabeleceu com base em uma formação identitária metafísica iniciada, ou ao menos já endossada, pelo cristianismo anterior à ciência psicológica.

O poder predominante enquanto dispositivo de subjetivação presente aí é apontado por Cabral (2018, p. 120) como sendo o poder pastoral, segundo a terminologia foucaultiana. Esse poder se estabelece quando sobrevém o cristianismo por sobre as filosofias e moralidades existentes na Grécia e na Roma antigas, especialmente em termos de sexualidade. Afirma Cabral, junto a Foucault, que a “subjetividade cristã é marcada pela noção de carne e pelo drama do desejo” (CABRAL, 2018, p. 110). A carne como demarcada pelo aspecto pecaminoso conduz a sexualidade a um regime restrito de confisco. Os temas da sexualidade são legados ao silenciamento, o casamento heterossexual se normatiza e o sexo se torna legítimo apenas para a reprodução (CABRAL, 2018). O que ocorre com a sexualidade - e que a evidencia no processo de subjetivação cristã - é não uma repressão bem sucedida, mas propriamente uma administração da sexualidade - é o que constitui os dispositivos dessa administração como um poder.

Interessa-nos essa análise na medida em que esse poder tem como sua figura central exatamente o pastor - o padre, diga-se. Na figura do padre se articulam todos os elementos dos dispositivos de subjetivação que constituem a identidade do próprio pastor, do fiel - a ovelha - e o caráter da própria relação entre eles - a confissão.

Nesse sentido, para que se possa proceder a uma análise do modo com que padre Júlio parece exercer seu ser padre, cabe proceder anteriormente a uma breve consideração da estrutura confessional com que historicamente se demarca em geral o ser padre e, particularmente interessante ao que aqui se propõe, o modo de relação do qual se possibilita o surgimento da clínica psicológica.

Para o professor Cabral (2018), em sua leitura de Foucault, esse poder se denomina exatamente como poder pastoral, uma tal forma de administração e organização dos indivíduos, das instituições e dos saberes que tem como elemento articulador propriamente a relação entre o pastor e suas ovelhas. De início, e já no entendimento das comunidades cristãs, o pastor é uma figura de referência que carrega a tarefa da condução das ovelhas, de seu asseguramento nas direções corretas. Destaca-se também que a figura do pastor é um elemento diferente que aparece nas relações de poder, pois seu poder não está em alguma designação de status social, de posse de bens ou mesmo de alguma moralidade presente em sua figura. “Só há pastor, portanto, na relação com as ovelhas” (CABRAL, 2018, p. 121). Na relação com elas o pastor se define e, assim, também as estruturas desse poder. Uma relação e poder que não se constituem inicialmente de uma forma negativa, de repressão ou de proibição, mas positiva, produtiva, de uma figura responsável pelo cuidado, pelo zelo com seu rebanho. Segundo essa reflexão, pode-se compreender que o pastor exerce seu poder se antecipando às ovelhas, antevendo os perigos e tudo mais o que se deve evitar. Por outro lado, antevê também as direções, apontando para aquilo a que se interpreta como bom para as ovelhas.

O cuidado do pastor com suas ovelhas é um dos dois elementos apontados por Cabral (2018) como constitutivos do pastor. O outro elemento é o sacrifício. O poder pastoral não exerce seu domínio em destruir as ovelhas, uma vez que o cuidado é também seu determinante. O que ocorre particularmente nessa relação de poder é que, como se afirmou acima, quem se antecipa é o próprio pastor. Sob a perspectiva do sacrifício pode-se compreender, portanto, que é o pastor quem se sacrifica para que as ovelhas ocupem um lugar de conforto. Esse sacrifício importa na relação como o elemento que, em sentido teológico, se articula com a noção de salvação. “Dito em linguagem teológica, o pastor deve salvar a ovelha” (CABRAL, 2018, p. 123). Pode-se então perceber com maior nitidez o ponto estratégico que ocupou a figura do pastor como articulador das relações sociais que se estabeleceram a partir dessa relação. Uma relação articuladora que parece alcançar exatamente o destino (direção) histórico de todo esse povo.

Assim compreender a relação que se estabelece entre o pastor e as ovelhas, possibilita perceber também que o elemento do cuidado se apresenta em uma modalidade particular. O modo de cuidar das ovelhas se constitui em uma interpretação do salvar, ou do próprio cuidado. O pastor protege as ovelhas de modo a afastá-las de tudo o que as possa

ameaçar. Parece ser, portanto, o pastor quem está em contato com esses perigos, que os avista antes das ovelhas, que os identifica como perigosos e que, por fim, não apenas alerta as ovelhas, mas as conduz para longe deles. Em seu lado positivo, o pastor “leva a ovelha para as águas de descanso, ou seja, ele não explora nem aniquila, mas afaga, cuida, alimenta” (CABRAL, 2018, p. 121-122). O poder pastoral se exerce, portanto, ao estabelecer particularmente ao pastor um poder de determinação, de comunicação de sua vontade, um fundamento de verdade, cabendo à ovelha a obediência.

O filósofo Martin Heidegger oferece uma analítica dos modos de ser do cuidado (*Sorge*) em sua obra *Ser e Tempo* (2015). Ao interrogar por quem é o ser-aí cotidiano (§26), Heidegger se depara com um traço existencial do ser-aí, o ser-com-os-outros (*Mitsein*). Esse elemento estrutural do ser-aí é revelado em seu aparecer cotidiano, em que também os outros lhe aparecem em meio às suas ocupações. Os outros, entretanto, não aparecem exatamente como as coisas ao ser-aí em seu mundo circundante, mas sim junto a elas. Depreende-se daí que os outros não vêm ao encontro como simplesmente dados, mas “são *como* a própria presença liberadora - *são também copresenças*” (HEIDEGGER, 2015, p. 174)<sup>2</sup>. Heidegger afirma então em conta de que o ser-com é um existencial que se revela mesmo sob as modalidades de distanciamento com os outros, em sua falta ou ausência.

A partir dos modos de ser com as coisas à mão se revelou ao filósofo a interpretação do ser-aí sob a estrutura do cuidado, isto é, cuidando de si na lida com as coisas que vem ao encontro no mundo circundante; ou ainda, compreendendo-se sob seus modos de relação com elas, isto é, em suas ocupações (*Besorgen*). Do mesmo modo, e sob a mesma estrutura, a interpretação do ser-aí como cuidado aparece no modo de compreender-se e encontrar-se junto aos outros, a preocupação (*Fürsorge*). O ser-aí encontra-se então sempre, de alguma forma, junto aos outros. Faticamente pode-se dizer que “o ser por um outro, contra um outro, sem os outros, o passar ao lado um do outro, o não sentir-se tocado pelos outros são modos possíveis da preocupação” (HEIDEGGER, 2015, p. 178).

O que parece ocorrer, porém, na relação entre o pastor e as ovelhas não parece se descrever em qualquer uma dessas possibilidades. O que exerce o pastor para com as ovelhas não se trata de ser por elas, por não sair o pastor de seu lugar nem a ovelha do lugar dela, senão exatamente pela constituição de quem são pelo estabelecimento dessa relação definida. Também não está o pastor contra as ovelhas, mas posiciona-se sob a tarefa de cuidar delas. Igualmente não está o pastor a eliminá-las, mas salvá-las. Não se pode, por fim, dizer também que há alguma indiferença entre pastor e suas ovelhas, por

2 Grifos do autor. Segundo a tradução de Fausto Castilho o trecho encontra-se assim: “*assim como* o Dasein que ele mesmo põe-em-liberdade - é ele também e concomitantemente “*aí*” (HEIDEGGER, 2012, p. 343), grifos do autor. Ao longo do trabalho optou-se pela designação *ser-aí* para o *Dasein* heideggeriano.



não poder exatamente ser pastor sem estar em relação com elas. O modo de cuidado em que se descreve o poder pastoral é uma modalidade positiva do cuidado.

Ao prosseguir da analítica, Heidegger aborda uma dessas modalidades, a que em seu extremo “ela [a presença, ou o ser-aí, diga-se] pode, por assim dizer, retirar o ‘cuidado do outro’ e tomar-lhe o lugar nas ocupações, *saltando para o seu lugar* [*Einspringen*]<sup>3</sup>” (HEIDEGGER, 2015, p. 278). Segundo essa modalidade, o ser-aí assume a ocupação do outro, que então irá encontrá-la e assumi-la como algo pronto e disponível (HEIDEGGER, 2015). Essa modalidade do cuidado, que se pode descrever como substitutivo, parece aproximar-se ao que ocorre na relação entre pastor e ovelha. Embora um só se constitua na relação com o outro, parece caber ao primeiro estabelecer todas as condições de compreensão de si, do mundo e das relações com as pessoas para a ovelha, oferecendo a ela como que o lugar configurado que, por sua vez, deverá assumir por existência.

Essas (as ovelhas), por seu lado, poderiam se caracterizar em sua imagem por um elemento de passividade, como a imagem da ovelha comumente parece sugerir. Entretanto, nas compreensões foucaultianas das relações de poder, essas ovelhas ocupam também uma posição em jogo nessas estruturas, isto é, uma atuação particular que as constituem também enquanto agentes dessa organização. Se ao pastor recai a tarefa de salvar as ovelhas, realizando-os pelo cuidado e pelo sacrifício, a elas cabe uma posição correlata de terem de ser salvas. A forma de se corresponder a essa condição é o que a posiciona em seu processo de subjetivação (em termos foucaultianos): “aceitar a autoridade do pastor significa deixá-lo saber de tudo o que se passa com a ovelha” (CABRAL, 2018, p. 123).

Pode-se perceber por esse meio o privilégio das confissões como evidenciadoras da estrutura desse poder. À pessoa que se dispõe a confessar-se cabe narrar tudo o que se passa consigo, não apenas dando-as a conhecer ao pastor, mas submetendo-se à sua autoridade e interpretação, legitimada como vontade de Deus. O que ocorre nessa relação é para Foucault produtivo da subjetividade, pois, afirma Cabral, “somente ao falar de si a ovelha permite ao pastor saber o que se passa com ela. Por outro lado, a ovelha também não sabe o que se passa consigo até o momento em que fala de si para o pastor” (2018, p. 126). Por fim, a ação e a técnica do pastor constituem-se na condução da ovelha ao seu estado de maior perfeição - compreendido nessa tradição como uma normatividade que se depreende da noção de pecado. Ou seja, a ovelha recebe pela narrativa de si para com o pastor as orientações de condução de sua “consciência”, relações com os outros, com o mundo ou com o próprio corpo. Afirma Cabral acerca da constituição dessa estrutura do cristianismo como “técnica de si por meio de uma hermenêutica de si” (2018, p. 130) que “Somente mediante a relação com o pastor, somente por meio da interpretação do pastor

3 Fausto Castilho traduz a expressão por “substituindo-o” (HEIDEGGER, 2012, p. 353).



a ovelha passa a saber a sua verdade, o que ela efetivamente é, o que permite ao pastor corrigir, retificar, salvar a ovelha” (CABRAL, 2018, p. 139).

Aproximando ambas as compreensões - cuidado substitutivo e produção da subjetividade foucaultiana - poder-se-ia dizer que tal estrutura condiciona historicamente uma organização espaço-tempo-corporal (CASANOVA, 2021) em que o papel da ovelha se exerce em uma compreensão de si que consiste em uma forma de cuidar de si mesma exatamente pela entrega desse cuidado à figura do pastor. Em última colocação, ao que interessa ao prosseguimento do ensaio, parece se estruturar aí uma condição de restrição, isto é, de privação das possibilidades de ser si mesmo (HEIDEGGER, 2017).

Note-se que, em termos existenciais, a condição de estar absorvido em um mundo não constitui em si mesma uma tal restrição a que se poderia entender como adoecedora ou aprisionadora. A estrutura da *decadência* (*Verfallenheit*), conforme Heidegger (2015), diz respeito não a um juízo de valor acerca desse deixar-se absorver do ser-aí em seu mundo, mas sim da condição em que o ser aí se encontra originariamente e na maioria das vezes, ou seja na cotidianidade. O que se poderia mais propriamente descrever como uma restrição é a pretensão de totalidade dessa absorção, isto é, a absorção que acontece sob o modo da privação com as possibilidades de encontro com a condição originária do ser-aí, sua estrangeiridade “que está no fundamento da tomada de consciência de sua singularidade” (DASTUR; CABESTAN, 2015, p. 47).

Observa Cabral ainda que é da relação do pastor e da ovelha que emergem tipos particulares de terapia. Especialmente sob a observação de que as origens gregas da palavra terapia significam “o ato de curar” (2018, p. 140), assim como *soteria* e *salus* são as palavras das quais se originam *salvação* e *saúde*. Quer com isso o professor apontar para a relação entre alguns modelos adotados de práticas terapêuticas e psicológicas com a técnica de si cristã. A relação se dá como uma atualização, em que “o poder pastoral cristão aparece como matriz de muitas práticas e teorias da psicologia clínica moderna” (CABRAL, 2018, p. 141). Entretanto, é a esse modelo que corresponde a proposta daseinsanalítica ou mesmo a ação de padre Júlio para com as pessoas em seu modo de ser padre? A partir de tais indagações pode-se observar a ação de padre Júlio atentando-se para seus modos de ser com os outros, o que sugere a aproximação com a proposta daseinsanalítica.

## Padre Júlio Lancellotti: as modalidades do cuidado

Na obra de sua própria pena, *Amor à maneira de Deus* (2021), padre Júlio oferece diversas memórias de sua atuação e, especialmente, suas compreensões e interpretações dos sentidos que o moveram e movem a esses trabalhos realizados. Eminentemente se apresentam aí seus acenos teológicos, sua relação pessoal com Deus e modo de viver essa relação também entre as demais pessoas. Como afirma mesmo o título, uma com-

preensão do amor presente nas ações de Jesus Cristo parece ser a chave ou o critério de suas ações. Não nos cabe, por certo, o aprofundamento acerca dos elementos teológicos de suas experiências, senão nos ater às dimensões psicológicas - ou no mais, ao que elas nos apontam para elementos filosóficos. Observamos, portanto, sob as chaves de leitura antes apresentadas - a estrutura do poder pastoral e o cuidado substitutivo - as memórias e ações de padre Júlio, relacionando-as com essas estruturas.

Em sua introdução, algumas compreensões já aparecem importantes de nota. Ao apresentar o amor, isto é, o amor de Deus, padre Júlio afirma uma compreensão particular: “o amor de Deus subverte qualquer lógica humana” (LANCELLOTTI, 2021, p. 10). Esse elemento que indica uma transcendência desse amor em seu aspecto teológico, lança-nos também uma indicação acerca das estruturas lógicas que, dentre seus princípios fundamentais ao longo da história, apresenta-se o princípio da identidade. Segundo esse princípio é que se poderia afirmar e reconhecer em sua determinação o ser de todas as coisas e das pessoas, sua natureza - O que é, é. O que isso poderia significar em termos teológicos de compreensão e relação com o sagrado, nos é difícil antever. Entretanto, sob a perspectiva dos modos de existência, padre Júlio segue em oferecer a indicação de que esse modo de amar foi revelado na pessoa de Jesus, particularmente em seus gestos, “ele ensinou o amor vivendo-o na prática, no dia a dia” (LANCELLOTTI, 2021, p. 11). Parece-nos, por meio dessa sua assertiva, que esse amor se expressa como uma possibilidade existencial, um modo de ser que pode se abrir a ser assumido.

Outra indicação importante e que complementa essa compreensão acerca do amor como modalidade existencial é a de que Jesus teria ensinado esse amor na história. Afirma padre Júlio que “Jesus não exercia misericórdia na subjetividade. Ele agia na história, em meio a interesses religiosos, econômicos e políticos que movimentavam a vida do povo” (LANCELLOTTI, 2021, p. 19). Por esses elementos iniciais, pode-se notar que esse modo de amar parte, ao menos, de uma inversão da lógica da identidade. Essa identidade, para além dos aspectos de uma ontologia naturalista, parece estar estruturada segundo a história. Isto é, por, ao menos, uma consideração das estruturas identitárias que definem sob critérios de poder econômico ou político aqueles que são valiosos e os demais, que esses sistemas consideram sem valor (LANCELLOTTI, 2021). Afirma ainda o padre que esse seria o exemplo dado por Jesus, de que o amor se trata de algo a ser vivido por meio de ações e gestos, especialmente numa inversão das expectativas, na escolha dos que são considerados de menor valor (LANCELLOTTI, 2021).

De que modo, porém, se poderia compreender esse amor de modo a não apenas inverter a lógica identitária - que não deixaria de figurar no interior da compreensão lógica, uma afirmação da própria estrutura -, mas sob a perspectiva de uma subversão, propriamente dita? Ao que parece, o elemento distintivo entre a inversão - representada aqui

pela escolha, ainda identitária, dos menos valiosos - e a subversão estão descritos no interior dessas relações, isto é, no modo em como essas identidades são concebidas e levadas em consideração. A saber, a hipótese de que essas identidades não são concebidas a partir de uma metafísica da identidade, mas a partir de seus fenômenos constituídos historicamente (compreensão que possibilita a inversão, a escolha dos últimos, dado que as identidades já estão posicionadas historicamente) e, por outro lado, o modo não restritivo de lidar com essas identidades como seu aspecto subversivo. Observe-se alguns relatos de padre Júlio acerca de suas ações a fim de se analisar essa hipótese.

O padre apresenta em seu texto uma primeira experiência relatada como sendo daquele “amor misericordioso” (LANCELLOTTI, 2018, p. 23): a estruturação da Casa Vida de cuidados e acolhimento de crianças soropositivas. Em seu relato os modos como essas crianças estavam sendo tratadas podem ser lidos sob perspectiva da violência identitária (CASANOVA, 2021). Afirma o padre que na década de 90, em uma sede da Fundação para o Bem-Estar do Menor (Febem), as crianças soropositivas eram mantidas isoladas no último andar do prédio, restritas a esse espaço e, para ter contato com elas, era necessário vestir paramentos, devido ao que o padre identifica como um desconhecimento da condição dessas crianças e medo de um risco representado (LANCELLOTTI, 2018). A atuação na Casa Vida emergiu a Júlio como uma “resposta à situação de morte que a AIDS e o preconceito acarretavam” (LANCELLOTTI, 2018, p. 25). Ainda segundo seu relato, na Casa Vida as crianças passaram a dispor de cuidados profissionais de médicos, professores, nutricionistas e terapeutas. Para além disso, o que mais se estende em sua memória parece ser os elementos da relação com as crianças. Conta que as crianças o chamavam de pai sem que ele lhes houvesse insinuado ou pedido. Ao que conta de sua interpretação dessa denominação, afirmou que se devia às relações de responsabilidade e cuidado: “Quando têm de ir para o pronto socorro, eu os levo. Quando é para fazer companhia no hospital, eu fico. Quando precisam de roupa, eu compro. Quando chamam o responsável na escola, eu vou. Acho que é por isso!” (LANCELLOTTI, 2018, p. 26).

Outra situação que relata em seguida faz menção a um garoto atendido pela Pastoral do Menor. Em certa ocasião, esse garoto havia furtado uma correntinha e na fuga “Ele cruzou o caminho de um procurador da República que, com um golpe, matou o na hora” (LANCELLOTTI, 2018, p. 30). Tendo recebido a notícia do acontecimento, o padre dirigiu-se ao Instituto Médico Legal (IML) e reconheceu o garoto Joilson. Conta que funcionários do IML recusaram-se a limpar o corpo de um “trombadinha”, assim como o cura da Catedral da Sé havia se recusado a velar o seu corpo no templo. Foi o próprio padre quem se encontrou com a mãe do garoto, que limpou o corpo no IML e que encontrou lugar para seu velório (LANCELLOTTI, 2018).

Em uma terceira situação, relata o padre acerca de seu trabalho na penitenciária feminina.

Conta que nessa penitenciária aplicavam-se os mesmos parâmetros dos presídios masculinos.

As presas não recebiam absorventes, por exemplo. Tinham de fazer seus próprios absorventes a partir de miolo de pão e jornal. Não recebiam calcinhas. Só podiam usar calças, não podiam usar vestidos e nem saias. Recebiam apenas dois rolos de papel higiênico por mês, como os homens (LANCELLOTTI, 2018, p. 60).

Afirma o padre, então capelão da unidade, que junto a uma freira agostiniana passaram a brigar para que as mulheres recebessem absorventes, calcinhas e que pudessem usar saias. Em seguida, passaram a requisitar que as presas pudessem receber visitas íntimas - direito que já era concedido aos homens presos. Afirma o padre: “o que vi na penitenciária feminina são as mesmas questões que encontro, até hoje, em outros grupos de mulheres. A negação do corpo, da vida, dos sentimentos da mulher” (LANCELLOTTI, 2018, p. 60).

Permita-se ainda mais um relato, em que padre Júlio conta sobre os atendimentos que realizava com os internos da Febem. Seus relatos apresentavam diversas queixas de agressão. Em dada ocasião, ocorreu uma rebelião. Ao ser informado, padre Júlio foi até a unidade e encontrou-a em estado de sítio pela cavalaria da polícia, junto da imprensa e pessoas feridas. Relata que telefonou para o arcebispo auxiliar com a situação e, enquanto aguardava a chegada do arcebispo, atendia às mães que estavam também na frente do prédio. A polícia se voltou para as mães, a fim de impedi-las de adentrar a unidade. Os meninos internos, vendo a situação da polícia e das mães,

subiram no telhado e atiraram pedras contra a polícia. Percebendo o que estava para acontecer, coloquei os paramentos da celebração e corri para a frente das mães, colocando-me entre elas e a cavalaria. Abri os braços, como se pudesse protegê-las. A cavalaria recuou, mas a tropa de choque foi a galope para o alto do prédio.

Ergui a túnica e corri para o telhado. Como já conhecia o caminho, cheguei antes da tropa de choque. Assim que avistei os meninos, ordenei aos gritos:

- Sentem-se e abaixem a cabeça! Agora!

Eles se aglomeraram no meio do espaço e obedeceram. Quando a tropa de choque chegou à porta do pavilhão, detive-a.

- Esses meninos, agora, estão sob a guarda da Arquidiocese de São Paulo. Este pavilhão virou um santuário. Vocês não podem entrar. Os meninos, de cabeça baixa, viam o que estava acontecendo. Continuaram quietos, sentados, trêmulos. Nesse meio tempo, o arcebispo chegou. Pedi para que o levassem onde estávamos. Assim que ele entrou, inclinei-me e beijei sua mão. Os meninos aplaudiram. [...] Dom Cláudio [Hummes, o arcebispo] quis saber o que tinha acontecido. Eu pedi aos meninos que lhe contassem. Em vez de falarem, eles ergueram as roupas e mostraram as marcas da tortura que sofriam. O arcebispo ficou pálido, pois os corpos estavam muito feridos. Daí, descemos rumo a diretoria, onde dom Cláudio se reuniu com o diretor da unidade e exigiu firmemente mudanças na condução (LANCELLOTTI, 2018, p. 81-83).

A fim de se proceder à análise, atentemo-nos aos elementos identitários presentes nesses relatos, de ambos os lados, ou seja, da parte das pessoas com quem padre Júlio se relacionou em seus relatos, mas também quanto a si mesmo no que tange sua figura de padre - em referência à figura do pastor da estrutura confessional antes indicada. Os três relatos parecem apresentar de modo explícito uma imagem da condição social e histórica contemporâneas em suas identidades assim constituídas. O primeiro relato aponta as crianças identificadas - e posicionadas no mundo a partir dessa identidade - como soropositivas. A força dessa identificação parece demarcar os espaços a que elas podem habitar e as relações que poderiam ter. Ao que parece, se soma a essa identidade as alunas que as levaram à institucionalização da Febem. Internas da Febem e portadoras de AIDS são as marcas de seu lugar histórico<sup>4</sup>. Interpretadas como duplamente nocivas, são duplamente reclusas: a elas foi reservado o último andar do prédio e a restrição dos contatos físicos sem as camadas de uma roupa de proteção. Padre Júlio parece perceber a estrutura de exclusão e mesmo sua vinculação com o modo de formação das identidades. Sua ação em constituir uma casa de cuidados para essas crianças realiza a inversão da estrutura da identidade no respeito à dignidade dessas crianças.

A concessão de dignidade aos que não são política e economicamente tomados em

4 O conceito de estigma parece aplicar-se a essa condição, como demarcador não apenas de sua condição biológica, mas dos modos de relação socialmente esperados ou percebidos para com os portadores do estigma. Cf. GOFFMAN, Ervin. Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. São Paulo: LTC, 1981.

dignidade figura também no segundo relato, em que o padre toma para si a responsabilidade dos cuidados com o corpo de um “trombadinha”, ao realizar ele mesmo os preparativos do corpo, do espaço para o velório e o sepultamento com ofícios religiosos. Suas ações aqui também parecem dotar de significado diferente ao que se estabeleceu historicamente como insignificante. Indiferença e insignificância se mostram elementos identitários no terceiro relato, em que as regras da penitenciária masculina se aplicavam às mulheres da penitenciária feminina, sem se distinguir as necessidades e particularidades que um ou outro estavam vivendo e requisitando naquele momento, ou ainda, concedendo a um o que se restringia a outro. Essa disposição dos corpos é também o que parece ser o elemento característico do quarto relato, em que a queixa e a rebelião na Febem são apresentadas pelos internos a partir das agressões físicas que mostraram ao padre e ao bispo. A ocorrência da rebelião e a imagem que padre Júlio oferece em seu relato tornam-se reveladoras das posições identitárias nesse contexto: de um lado a tropa de choque da polícia, de outro os internos e em seu meio o próprio padre Júlio. Para além dos méritos das ações dos policiais ou dos internos, expõem-se naquelas pessoas as representações dos bons e maus, dos justos e injustos, dos lados certo e errado, dos dignos da aprovação e da reprovação, daqueles a quem é autorizada a utilização da força e dos que são “merecedores” de recebê-la.

É segundo essa imagem que parece se mostrar mais nitidamente a noção de uma inversão da lógica identitária exercida por padre Júlio: ele se posiciona em defesa daqueles internos ao colocar-se entre eles e a tropa de choque, ou entre o corpo de Joilson e aqueles que o mataram e recusaram os cuidados *post mortem*; ou ainda entre as crianças e os representantes da sociedade que a elas relegam exclusão e distanciamento. O padre, que carrega em sua própria identidade a histórica posição do pastor, condutor moral das ovelhas, elas que são e se posicionam como tal na relação confessional com o pastor, conforme antes afirmado<sup>5</sup>, mostra-se aqui na defesa das pessoas historicamente tomadas de rejeição e descarte (LANCELLOTTI, 2021). Isto é, sua ação não parece confirmar a tendência histórica de aprovação de tal moralidade - também histórica -, mas sim de adensar o peso histórico por sobre o seu correlato identitário. Parece fazer isso apontando para o conflito, evidenciando as condições em que se encontram as pessoas que ocupam as posições de serem oprimidas.

Nesse sentido é que o próprio padre Júlio se encontra, apontando para os demarcadores de sua própria identidade, afirma:

Minha luta é a de quem vai perder. Nunca será a luta de quem vai ganhar. Mas não

5 CABRAL, 2018.



luto para ganhar, e sim para ser fiel. Para mim, isto é sempre fundamental: não é pela força, não é pelo poder, pois eles não mudam nada. A mudança se opera pelo amor. Não luto para ganhar, mas para ser fiel (LANCELLOTTI, 2018, p. 68).

Parece afirmar por meio dessa compreensão de si que não apenas ocorre uma escolha pelos menos favorecidos, como compreende-se a si mesmo como representado por essa identidade, seu membro. Reclama para si mesmo estar ao lado das pessoas que não podem ganhar. Ao que parece, ganhar e perder aqui são também representantes das posições histórica, política e economicamente determinadas quanto ao que significa ser um ser humano, seu sucesso ou fracasso. Algo que se possa afirmar de padre Júlio é sua aguçada percepção ou atenção acerca das constituições identitárias presentes, definidoras das pessoas, de seus modos de vida e dos modos de tratamentos esperados para com elas.

Ocorre que a tematização de uma opção pelos menos favorecidos a partir da observação dos relatos de padre Júlio parece apontar apenas para uma inversão – ainda que se inclua nela<sup>6</sup>. A escolha pelos menos favorecidos tomada em si mesma ainda os reconhece como menos favorecidos, confirmando a lógica identitária a que outrora padre Júlio afirmou estar subvertendo por sua ação. Em que se poderia constituir essa subversão e de que modo suas ações dizem respeito à clínica daseinsanalítica?

Ao que relata em um documentário biográfico<sup>7</sup>, ao tratar da opção preferencial e evangélica pelos menos favorecidos, padre Júlio afirma que sua atuação na busca da mudança das condições sociais das pessoas menos favorecidas ou mesmo descartadas não se assemelha a alguma luta que se realize dentro da gramática colonial (PRONZATO, 2021). Ainda durante a mesma produção audiovisual, padre Júlio faz referência a um pedido de D. Paulo Evaristo Arns para que

se formasse uma igreja a partir da rua, aonde não se rezasse pelo povo da rua, mas se rezasse com o povo da rua, onde não se desse só comida para o povo da rua, mas se comesse com o povo da rua. Então ficou a chave pastoral para nós muito forte da convivência.” refere a uma mera escolha, mas a uma convivência (PRON-

6 Possibilidade legítima de interpretação que se poderia ser discutida se se pudesse mais se deter na temática ou em outros possíveis trabalhos e contribuições. Entretanto, tal hipótese foi apenas até aqui considerada, sendo desconsiderada em virtude do que se segue, o modo de lidar com essas identidades constituídas.

7 Exibido publicamente na Alesp, na presença de padre Júlio, por ocasião de uma premiação ao padre. Cf. ALESP, 2022.



ZATO, 2021)<sup>8</sup>.

Ao que continua a relatar no documentário, afirma que para si a convivência consiste de todas as suas dimensões: alegrias, conflitos, descobertas, perdas, caminhos etc; “isso nos ensina que a população de rua não é nem anjo, nem demônio, são pessoas” (PRONZATO, 2021)<sup>9</sup>. Essas indicações parecem demonstrar de que modo a subversão se apresenta. A finalidade da consideração das identidades parece ser levada a segundo plano em favor da convivência como objetivo maior. Nessa convivência a que se deseja, a identidade já não parece estar posta sob a violência das suas restrições.

A indicação da convivência por meio dos exemplos de ações a se fazer juntos - exemplo aparentemente prático e simbólico ao mesmo tempo<sup>10</sup> - parece fazer referência ôntica às condições ontológicas analisadas por Heidegger. Referimo-nos à estrutura do ser-com sob a qual mesmo a indiferença ou o silenciamento apresentam-se apenas a partir da condição de o ser-aí estar sempre referido ontologicamente aos outros. Nesse sentido, afirma Heidegger que “mesmo quando cada ser-aí fático não se volta para os outros, quando acredita não precisar deles ou quando os dispensa, ele ainda é no modo do ser-com” (HEIDEGGER, 2015, p. 180). O filósofo quer com isso afirmar que há sempre uma compreensão dos outros na compreensão de ser para o qual o ser-aí é abertura fundamental (HEIDEGGER, 2015). Ocorre que ao tematizar a preocupação, Heidegger aponta a convivência cotidiana a partir dos modos deficitários e de indiferença. Isto é, o que parece mostrar-se nos relatos de padre Júlio pelo modo com que se lida cotidianamente com as pessoas menos favorecidas é o que Heidegger aponta como uma possibilidade cotidiana da preocupação. Afirma que

o ser por um outro, contra um outro, sem os outros, o passar ao lado um do outro, o não sentir-se tocado pelos outros são modos possíveis de preocupação. E precisamente esses modos, que mencionamos por último, de deficiência e indiferença, caracterizam a convivência [*Miteinandersein*] cotidiana e mediana de um com o outro (HEIDEGGER, 2015, p.178).

Os modos indicados por último - a que Heidegger se refere - poderiam ser mais fa-

8 Transcrição livre da fala de padre Júlio, no referido documentário, que ocorre aos 11min.

9 Transcrição livre do trecho que ocorre aos 13min do referido documentário.

10 A imagem da partilha do pão, assim como a caridade se figuram características também do ideário cristão.

cilmente identificados nos relatos de padre Júlio. Quanto ao ser contra o outro, pode saltar-nos imediatamente a imagem da tropa de choque da polícia diante dos internos da Febem em rebelião (LANCELLOTTI, 2021). O que se pode perceber a partir da consideração do filósofo é que subjaz em ambos uma compreensão do outro. A percepção de quem se é ou mesmo do que se deve fazer se mostra e se constitui na cotidiana relação que se estabelece entre eles. Nesse caso, parece possível afirmar que os envolvidos descobrem-se em sua identidade na relação ali posta e desenvolvida, tal como descrito pelo modelo de relação pastor-ovelha anteriormente abordado. Quanto ao não sentir-se tocado pelos outros e o passar ao lado, podem aparecer-nos por entre os relatos das crianças soropositivas, do “trombadinha” ou, talvez mais ainda, no caso das internas da penitenciária feminina (LANCELLOTTI, 2021): relegados à indiferença. Nesses três relatos nota-se um modo de passar ao lado, uma indiferença ou um nivelamento a que não se digna considerar as particularidades que a cada momento ou grupo se apresentam como necessidades. Esses modos são tomados por Heidegger como deficitários da preocupação, uma vez que por elas se parece aumentar o mascaramento da condição do ser-aí como ser-com, na mesma intensidade em que se mascara a condição do outro como *copresença*, dotado do mesmo caráter do ser-aí (HEIDEGGER, 2015).

Poder-se-ia aqui também se atentar para a primeira indicação de Heidegger nesse excerto, para considerar uma aproximação com o que denominamos por “inversão” da estrutura identitária. Nesse sentido, mesmo as ações de caridade e assistencialismo poderiam ser compreendidas segundo a indicação de se tratar também de um modo deficitário de ser-com-os-outros. Deficitário conforme a análise de que ser por um outro pode indicar a possibilidade outrora tematizada do cuidado como um saltar para o lugar do outro (*Einspringen*), retirando-o de seu cuidado (HEIDEGGER, 2015). Essa é a possibilidade que de início apontamos para a que figura na relação pastor-ovelha. Nessa modalidade mediana do ser-com-os-outros mesmo a escolha pelos últimos ocorreria no interior da estrutura da lógica identitária, invertendo-a, mas não mais do que isso<sup>11</sup>. Ocorre, entretanto, que, embora deficitária, a consideração de que se trata de uma modalidade cotidiana não carrega conotação moral, senão apenas indica o modo como cotidianamente se dá a estruturação do ser-com. O que se observa pelas compreensões de padre Júlio é que, para além de tais fenômenos que se encontram no interior da lógica identitária, ou, diga-se, conjunturalmente estabelecidos na cotidianidade histórica em que se está, parece despontar também um modo de cuidado que não parece poder ser definido pela substituição.

11 Se esse é o caso de padre Júlio, pouco nos toca ao propósito do artigo, mais nos interessando pelos elementos da modalidade de relação que apontam para uma possibilidade de cuidado terapêutico não-substitutivo.

Ao olhar para a atuação do padre nesses relatos, embora possam ser interpretados apenas sob a chave do cuidado substitutivo, parecem lançar-nos igualmente para uma consideração de sua dimensão não-substitutiva. Tome-se brevemente alguns relatos para se observar esses elementos. Ao reivindicar melhores condições para as internas da penitenciária feminina em que atuou, pode-se compreender que a relação entre as internas e o padre não caracteriza (somente) pela relação pastor-ovelha, pois não se parece denotar nessas ações a delimitação de uma identidade, com seus comportamentos assim definidos. O elemento identitário não parece se estabelecer como uma descoberta de quem se (pastor ou ovelha) é na relação com o pastor, mas de modo diverso, a reivindicação por mais rolos de papel higiênico, absorventes e calcinhas, não parece querer estabelecer por si como as internas devem ser internas, ou como devem ser mulheres e assim por diante. Os elementos identitários também não parecem ser meramente invertidos. O que aparenta ocorrer é que, embora presentes, o cuidado para com os elementos identitários são entregues às próprias pessoas. Isto é, pelo modo de se cuidar dessas mulheres se entrega às próprias mulheres uma liberdade para si mesmas. Podemos ainda observar o que ocorre na situação da rebelião na Febem (LANCELLOTTI, 2018). Ao posicionar-se entre a tropa de choque e a polícia, ao se reunir com a direção da unidade por contra a violência física (LANCELLOTTI, 2018), não se parece com isso determinar o modo de os internos serem internos, senão pela antecipação da entrega das condições em que sejam liberados para seu próprio ser. Se quer com isso dizer que a atuação não parece tomar o cuidado dos internos saltando para o lugar deles - ao menos não em definitivo -, mas sim na antecipação que entrega o cuidado liberador para o próprio ser.

Essa modalidade de cuidado é o que parece condizer com a afirmação de padre Júlio (2018) de que a compreensão de sua ação como amor se dá no campo da subversão da gramática colonial - marcadamente identitária. O elemento modal da relação com o outro que não lhe toma o cuidado, mas o entrega de modo liberador é o que, em sua analítica existencial, Heidegger apontou como

a possibilidade de uma preocupação que não tanto substitui o outro, mas que *salta antecipando-se a ele* [*Vorausspringen*] em sua possibilidade existencial de ser, não para lhe retirar o 'cuidado' e sim para devolvê-lo como tal. Essa preocupação que, em sua essência, diz respeito à cura propriamente dita, ou seja, à existência do outro e não a uma *coisa* de que se ocupa, ajuda o outro a tornar-se, *em* sua cura, transparente a si mesmo e *livre para ela*<sup>12</sup> (HEIDEGGER, 2015, p. 179).

Com isso parece, enfim, possível alinhar a compreensão de que esse elemento da atuação de padre Júlio aponta para um modo de relação existencial para com o outro, do ser-com, em que o salto<sup>13</sup> para o ser por um outro não se configura de modo a retirar-lhe o cuidado, de modo a atuar sobre ele sob a perspectiva de um exercício correto de sua identidade ou da descoberta confessional de si (CABRAL, 2018), senão como uma antecipação que lhe considera a partir de sua condição mesma de ser-aí de si e do outro. É sob essa perspectiva que a observação dos modos de ser de padre Júlio parece indicar uma perspectiva de cuidado também para a Daseinsanálise - considerando que, talvez de modo menos direto do que o ser padre, também o ser terapeuta herdou da tradição histórica da relação pastor e ovelha a configuração do poder pastoral como cerne de diversas matrizes de suas terapias (CABRAL, 2018). Cabe-nos agora, portanto, uma breve consideração acerca do cuidado não-substitutivo como possibilidade também para a atuação daseinsanalítica.

## Terapêutica daseinsanalítica: cuidado liberador

Até o momento alcançamos dois dos três degraus a que nos propomos com esse escrito: de início, a consideração do poder pastoral como relação constitutiva da identidade do pastor e da ovelha por meio da confissão e a ação de padre Júlio Lancellotti que aponta para práticas de cuidado que demonstraram carregar elementos outros, para além do poder pastoral, isto é, um modo de cuidado que se propõe subversiva - nas palavras do padre - da lógica identitária. Cabe-nos agora, à luz de tal exercício, alcançarmos o terceiro degrau por meio de um breve alinhamento destes dois pontos anteriores para com a questão da atitude do terapeuta daseinsanalista.

Afirma o professor Cabral (2018) que, da estrutura confessional, a ovelha revela tudo de si ao olhar do pastor, responsável pela interpretação que possibilita finalmente à ovelha descobrir-se em sua verdade. Ocorre que essa interpretação

desemboca em práticas de si por parte da ovelha, que a fazem negar quem ela imediatamente é: criatura atravessada pela concupiscência, condicionada pela tentação contínua promovida pelas demais criaturas e determinada essencialmente pela libido, sendo esta o princípio que qualifica o modo de exercício da vontade. Em outros termos, o poder pastoral condiciona, por meio da prática confessional, a pecaminosidade como a verdade da ovelha. Por isso a renúncia de si é tarefa contínua da ovelha (CABRAL, 2018, p.139-140).

13 Compreenda-se salto no que concerne às expressões *einspringen* e *vorausspringen*, utilizadas por Heidegger na distinção do cuidado que toma o lugar do outro para o cuidado que o libera para seu poder-ser.

É precisamente nesse ponto em que se percebe uma acomodação que sustenta a necessidade que a ovelha tem do pastor para, nessa relação, esclarecer a si sua verdade e, uma vez alcançada, para negá-la por meio de práticas de cuidado de si. Nesse sentido se compreende a imediata relação entre a estrutura confessional com um modo particular de cuidado de si enquanto uma terapêutica que se apresenta sob as técnicas de si que, nessa tradição, se revelam como “controle, correção, renúncia” (CABRAL, 2018, p. 140).

Segundo essa concepção, pode-se observar igualmente que a utilização de tais técnicas figuram também em matrizes psicológicas clínicas surgidas a partir da modernidade. Nesse sentido, ao que aponta Cabral (2018), a figura do psicólogo - e da própria psicologia - se confunde com a figura do pastor enquanto agente do ajustamento, da correção, da adequação, da normalização e da moralização, em uma atuação que corresponde ao modelo de sujeição dos indivíduos. Modelo esse que parece adotar a própria normalidade ou o sucesso como metas da intervenção psicológica clínica. Essas metas, por sua vez, correspondem às estruturas históricas de organização da vida em seus sentidos e significados, isto é, derivam dos modelos históricos, sociais e econômicos. Em outras palavras, parece significar então um fundamento identitário das práticas psicológicas, especialmente de sua compreensão da atitude do cuidado.

O que a consideração da atuação de padre Júlio Lancellotti revela, a partir de suas próprias memórias e compreensões, parece-nos de grande importância. Inicialmente por encontrar-se vinculadas às estruturas que foram apontadas como originárias das posições pastor-ovelha como uma terapêutica da renúncia, da correção e do ajustamento. Trata-se de um padre, uma identidade de início diretamente ligada à figura do pastor<sup>14</sup>. Entretanto, seu modo de exercer essa identidade se apresenta em seu elemento subversivo, de tal forma que seu ser pastor parece indicar mais uma atitude de oferecimento das condições de ser si mesmo do que de elementos presentes de uma determinação identitária que se faça pela via da correção e da normalidade. Desse modo, seu cuidar, ainda que possa ser interpretado em seus elementos identitários, indica uma possibilidade de cuidado que não se lança para o lugar do outro de modo a tomar esse lugar de ser, mas, particularmente, a guarda de um salto antecipatório para o lugar do outro, de modo a liberá-lo para seu ser. De que modo isso diz respeito à atitude do terapeuta?

Cabral aponta como objetivo de sua analítica a aceção de uma *Psicologia pós-identitária* (2018), ou seja, uma clínica tal que não se funda sobre a sujeição como correspondência à normalidade ou à correção, mas como “clínica da arte de si” (CABRAL, 2018,

14 Diga-se, de passagem, que também se liga diretamente à figura da ovelha, dado que também na pessoa do padre não se isenta “interna” e “externamente” de tais técnicas de si.

p. 141). Essa clínica se mostra como uma terapêutica, isto é, se identifica com o caráter terapêutico, não exatamente com o que se poderia descrever por um *setting* clínico. O elemento terapêutico apontado por Cabral (2018) e oferecido como um exemplo para se compreender a clínica como arte de si ao longo da história é a escrita, conforme o conceito foucaultiano de escrita de si (CABRAL, 2018). Aponta o professor que a escrita em tempos antigos está relacionada à prática da liberdade, em que se realiza o controle de si, a relação com a verdade e uma relação não escravizadora com os outros. A escrita é, portanto, um elemento representante das práticas da arte de si (CABRAL 2018). Tem-se, então, aqui, um elemento que parece articular as práticas da arte de si com uma terapêutica que possa ser entendida como pós-identitária. Nesse sentido, se possibilita a articulação do que fora percebido como modo de cuidado em padre Júlio Lancellotti, com o que será agora tratado como a atitude do terapeuta e a proposta da Daseinsanálise enquanto psicoterapia.

A Daseinsanálise enquanto psicologia e sua prática surgem segundo a herança da fenomenologia husserliana, assim como recebida e interpretada por Martin Heidegger e, em seguida, pelos direcionamentos de sua filosofia por Karl Jaspers e Eugène Minkowski em sua linha de psicologia fenomenológica e Daseinsanálise médica, e Ludwig Binswanger e Medard Boss, os reconhecidos fundadores. Por herança fenomenológica compreendemos a busca exercida pela fenomenologia husserliana de se estabelecer como ciência rigorosa no escape da atitude natural, reconduzida à atitude fenomenológica pela *epokhé* e pela intencionalidade (DASTUR; CABESTAN, 2015). Ao que afirmam Dastur e Cabestan (2015), a dimensão ética - ou mesmo médica - da filosofia esteve sempre presente do surgimento da fenomenologia em Husserl à sua recepção e encaminhamento em Heidegger. Este que, embora não tenha admitido a ética como disciplina, não se furtou dos temas de uma “ética original” (DASTUR; CABESTAN, 2015, p. 9) ao tratar de decadência, autenticidade, impessoalidade, entre outros. Ao que concerne à Daseinsanálise, ela parte da analítica da existência enquanto interpretação ontológica do ser-aí para estabelecer-se como uma antropologia ôntica com fundamentação nas “determinações postas em jogo pela analítica do *Dasein*” (DASTUR; CABESTAN, 2015, p. 10)<sup>15</sup>. Assim, a consideração do homem como ser-aí aponta para a tomada tanto das práticas como das compreensões de sua condição não sob a perspectiva de uma técnica para com um objeto de pesquisa e intervenção, mas a partir das condições de um “existente, um ser que é em seu ser abertura ao ser” (DASTUR; CABESTAN, 2015, p. 11).

Seguindo essa consideração do ser-aí como tal, Binswanger aponta para elementos de uma atitude do médico. Em sua conferência *Sobre a psicoterapia* (BINSWANGER, 2019),

15

Grifo dos autores.



proferida em 1935 a médicos, Binswanger considera e analisa o sentido técnico da palavra psicoterapia a partir dos modos de simplificação da relação entre as duas pessoas - o médico e a pessoa que o procura para atendimento, o doente<sup>16</sup> - que usualmente acontecem em meio a técnica médica: a primeira redução diz respeito ao desaparecimento das duas pessoas envolvidas, em função da própria terapia. A isso que denomina uma abstração científica da expressão psicoterapia, se oculta a reciprocidade de se estar em relação um com o outro. Em segundo lugar, essa reciprocidade é mascarada pela unilateralidade de assumir que a psicoterapia seja direcionada do médico ao doente, mas não o inverso. Em terceiro lugar, a relação não é assumida como propriamente uma relação, mas como um “serviço voltado para uma causa” (BINSWANGER, 2019, p. 18). A partir de então, Binswanger descreve em sua conferência a resposta à pergunta motivadora de sua fala: a questão sobre como a psicoterapia pode agir. Aponta então para o fato de que a psicoterapia não introduz nada de novo, mas

é possível que a psicoterapia produza em geral um efeito, porque ela representa um setor determinado a partir dos efeitos por toda parte e a todo momento produzidos pelos homens sobre os homens, de maneira completamente independente de se tratar de um efeito sugestivo-entorpecente, educador-despertador ou puramente comunicativo-existencial” (BINSWANGER, 2019, p. 20).

Binswanger aponta com isso que a possibilidade mesma da psicoterapia se funda particularmente não sobre suas estruturas técnicas ou interventivas, mas sobre um traço ontológico do ser-aí, o ser-com-os-outros (BINSWANGER, 2019). Essas considerações parecem permitir compreender desde já que o modo como Binswanger compreende a psicoterapia põe, ao menos, em análise as posições historicamente constituídas na modernidade do médico em relação ao doente. De fato, as considerações seguintes do autor dispõem-se em torno do modo dessa relação que caracteriza a sua especificidade. Afirmo o autor que a relação entre o ser-com e o ser médico se encontram em uma dialética entre esse “solo materno de toda psicoterapia [...] e o conhecimento da ‘psique’ como um organismo dotado de diferentes *funções vitais* biológicas e psicológicas [...]” (BINSWANGER, 2019, p. 21). Assim, segundo essa dialética, a relação entre o médico e o doente se dá de modo que não se possa ser apenas o amigo ou o que ama o doente, mas também não apenas aquele que serve a uma causa, mas sim a ser aquele que “consegue ver corretamente a *dimensão de contraponto* que vigora em toda relação dialética” (BINSWANGER, 2019, p. 21-22). Essa tal relação dialética tem como característica possibilitadora a própria comu-

16 Expressão utilizada por Binswanger na obra citada.



nicação existencial, expressa ou inexpressa da confiança (BINSWANGER, 2019). Afirma o autor que “essa confiança é o presente, que o doente dá ao médico como condição indispensável de todo ato psicoterapêutico [...] ela se encontra, como presente de toda comunicação autêntica, para além de intenção, meio e fim, causa e efeito” (BINSWANGER, 2019, p. 25). Essa confiança, porém, como tal, não se vale apenas da atitude do doente, mas também do médico em corresponder a esse apelo humano do ser-com-os-outros.

Com isso, temos em vista que a relação entre médico e doente apontada por Binswanger carrega por fundamento aquilo que, como fenômeno originário, possibilita inclusive a tomada de identidade do médico e do doente, a estrutura ontológica de ser-com-os-outros. Ocorre que Binswanger parece buscar por essa dimensão ontológica, descaracterizando a organização histórica do que significa ser médico ou ser/estar doente. A relação que se funda entre os dois em uma psicoterapia - e que possibilita seus efeitos - não é nada do seu aspecto identitário, mas propriamente por ser uma relação humana (referindo-se à condição ontológica de ser-aí) em que, pela confiança como abertura de ser-com, lança-se também para a abertura liberadora do ser-aí - elemento que caracteriza a psicoterapia como atitude de cura (BINSWANGER, 2019).

O psiquiatra Medard Boss, por sua vez e em seguida, também deu atenção ao ser doente, não como expressão de uma falta da saúde, mas particularmente como “‘restrição’ da abertura e da liberdade do ser-aí humano” (HOLZHEY-KUNZ, 2018, p. 38-39). Essa consideração do ser doente como restrição parte de uma aceção das estruturas fundamentais do ser-aí, especialmente quanto aos seus existenciais de ser-no-mundo, a corporeidade e a temporalidade. Ser doente, portanto, trata-se aqui de um modo de configuração desses existenciais de forma que a pessoa se encontre privada de suas possibilidades de ser livre e aberta. A doença se apresenta, a partir da análise fenomenológica, em suas dimensões de restrição. Por sua vez, a Daseinsanálise se funda sobre a compreensão do sofrimento como restrição das possibilidades mais próprias e da sua tarefa de “dar espaço ao paciente, para resgatar o desenvolvimento até aqui embotado ou inviabilizado em direção à medida mais ampla possível em termos de abertura e liberdade” (HOLZHEY-KUNZ, 2018, p. 39). Na relação que aí se estabelece com o terapeuta, o paciente pode então experimentar como algo novo aquelas “possibilidades que dormitam” (HOLZHEY-KUNZ, 2018, p. 39). Assim, a Daseinsanálise enquanto terapia está direcionada às possibilidades de liberação do paciente para suas possibilidades mais próprias, isto é, de assumir a sua condição ontológica de abertura e liberdade.

Parece-nos também ser esse elemento dialético entre o terapeuta e a sedimentação histórica que uma pessoa apresenta ao terapeuta, assim como a perspectiva da libertação, os fundamentos da compreensão de Assis (2018) sobre o terapeuta fenomenológico-hermenêutico como guarda da tensão existencial para com a medida histórica da pessoa

em questão. Essa tensão, ao que afirma Assis (2018), aponta para uma postura do terapeuta, que se coloca diante da pessoa em sua frente como alguém que ali não está para julgá-la, mas para considerar com atenção o que ela traz e apresenta de si. Nesse sentido, carrega-se aí também uma atitude em relação à essa sua história de vida sedimentada: uma atitude de não tomar seus sofrimentos apresentados sob a “tendência tradicional da supressão do sofrimento” (ASSIS, 2018, p. 188-189), pois esse sofrimento aí está particularmente como representante de sua organização histórica em sua sedimentação, de modo que, portanto, aí também está como possibilidade de encontro com sua condição de ser-aí, de assumir-se a si mesma nessa condição. Desse modo, afirma o autor que “a tarefa do terapeuta como aquele que guarda o espaço da tensão com a medida histórica do paciente é o ofício de zelar pela possibilidade do paciente se tornar disponível para sua condição fundamental” (ASSIS, 2018, p. 197).

Podemos, enfim, considerar o atravessamento mútuo que dizem respeito às estruturas de uma herança histórica das relações pastor-ovelha como fundamento inicial de psicoterapias modernas, as atitudes de padre Júlio, como relatadas a partir de suas memórias, e a Daseinsanálise como prática clínica. Esse atravessamento é o que se pôde depreender da observação das ações de padre Júlio, com vistas ao modo de cuidado aí empreendido. Considerou-se que suas memórias apresentaram um modo de cuidar que carrega elementos identitários na escolha dos menos favorecidos, mas que igualmente se caracteriza como um cuidado não-substitutivo em seu intento e esforço por garantir as condições de existência. A compreensão da especificidade desse cuidado tornou-se possível a partir da consideração da estrutura pastor-ovelha - uma terapêutica marcadamente identitária em que, na relação com o pastor, a ovelha se descobre ao sujeitar-se; assim como pela leitura de Ser e Tempo (HEIDEGGER, 2015), em que se encontra a distinção norteadora dos traços ontológicos do ser-com-os-outros em cuidado substitutivo (que salta para o lugar do outro de modo a tomar esse lugar de ser, fazer por) e o cuidado não-substitutivo, em que se salta por antecipar-se ao outro, sem, contudo, retirar-lhe o cuidado, isto é, para particularmente devolver o cuidado sobre si à pessoa de quem se cuida. Em última análise, compreendeu-se como uma recepção dessa distinção heideggeriana as acepções de Binswanger e Medard Boss. Na Daseinsanálise, portanto, o cuidado não substitutivo aparece em virtude da relação dialética descrita por Binswanger entre o médico e o paciente, uma relação fundada na estrutura ontológica do ser-com e que se distingue por uma particular confiança. Assim, o encontro se caracteriza exatamente por uma relação, não por um serviço ou pela aplicação de uma técnica. Por sua vez, Medard Boss, ao compreender o adoecimento como uma privação das possibilidades mais próprias de o adoecido se assumir em suas condições existenciais, compreende também uma tarefa fundamental da Daseinsanálise, e do terapeuta, como o fornecimento do espaço para que o encontro

com essas condições possam acontecer, um espaço de experiência de ser que se abre na consideração do paciente como ser-aí, isto é, na constante tensão com sua configuração histórica sedimentada (identidade) e o seu poder-ser.

## Considerações finais

Consideramos que os objetivos propostos para esse trabalho foram alcançados dentro de suas limitações. Isto é, da consideração da problemática inicial acerca de uma possibilidade de aproximação entre a atitude de padre Júlio Lancellotti, desenvolvida em seus trabalhos - observada por meio de suas próprias compreensões, relatadas - e a atitude do terapeuta daseinsanalista, em seu modo particularmente próprio de se encontrar junto ao paciente. Assim, o caminho iniciou-se pelas considerações das estruturas identitárias que, historicamente, circundam tanto o ser padre como o ser terapeuta. Identificou-se assim a confissão e seus elementos estruturais da relação pastor-ovelha como sendo esse solo comum. Nessa relação, que se apontou como originária das matrizes psicológicas modernas, a ovelha é a representante das pessoas que, ao expor tudo de si ao pastor, descobrem sua verdade por meio de tal discursividade de sujeição. O pastor, por sua vez, interpreta as revelações da ovelha segundo uma atitude de correção. A relação é, portanto, marcada por uma renúncia de si por parte da ovelha, de modo a constituir-se a si mesma sob as técnicas de cuidado de si que o pastor aplica, a fim de se estabelecer a sua salvação. A estrutura identitária que aí se revela é fundamento para a ovelha e também para o pastor, de modo que se descobrem a si mesmos a partir dessa configuração e de seus modos particulares de agir um para com o outro. O modo de cuidar do pastor para com a ovelha se demonstra como uma relação de poder, ou ainda, como um cuidado que salta para o lugar do outro, substituindo-o.

No segundo momento, observou-se, a partir de relatos próprios, ações e memórias de padre Júlio Lancellotti. Foram particularmente evidenciados quatro eventos relatados, sua compreensão acerca deles e, especialmente importante para nós, a compreensão sobre si mesmo. Assim, padre Júlio afirma que sua ação realiza uma subversão da gramática colonial que posiciona grupos de pessoas como descartáveis ou menos favorecidos. Consideramos que o aspecto subversivo da ação de padre Júlio se encontra em um elemento que suas ações carregam, um tipo particular de cuidado que permite de início uma inversão da lógica identitária - pela escolha preferencial pelos menos favorecidos; e, em seguida, propriamente a subversão. Esse elemento foi identificado como um cuidado de tipo não-substitutivo, conforme distinção heideggeriana. Segundo esse modo, cuida-se saltando antecipadamente para o lugar do outro não para substituí-lo, mas para oferecer a ele as condições de ser si mesmo, isto é, para liberá-lo para assumir-se em suas condições existenciais de cuidado.

A partir de tais considerações se pôde, por fim, olhar para a atitude do terapeuta daseinsanalista, atentando-se para o mesmo elemento de cuidado não-substitutivo. Em Binswanger, a atitude do terapeuta é fundamentada originariamente não sobre as técnicas de intervenção - embora importantes sob o aspecto do cuidado com a dimensão orgânica da existência -, mas sob o traço ontológico do ser-com-os-outros. Sob essa fundamentação é que se pode compreender os efeitos da psicoterapia sobre as pessoas atendidas. A ligação com os outros na estrutura do ser-com-os-outros é fundamento da confiança que pode surgir na relação entre o terapeuta e o doente. Em Medard Boss, o terapeuta daseinsanalista figura como aquele que fornece espaço de resgate das possibilidades mais próprias de o paciente ser si mesmo, embotadas pelas restrições que lhe vieram a acontecer em sua organização histórica da vida. Nesse sentido, o terapeuta se apresenta como esse espaço potencial, na tensão constante com a medida histórica sedimentada do paciente, isto é, sua identidade.

Com isso, pareceu-nos concluído o objetivo de apresentar uma aproximação que se fez possível pelo elemento comum entre padre Júlio e o terapeuta daseinsanalista: o cuidado não-substitutivo. Diversas outras interpretações, aproximações ou distanciamentos poderiam compor outras pesquisas, tarefas que se mostram como limitações deste trabalho. Questões em aberto também figuram possibilidades de contribuição deste texto em pesquisas outras, como o modo de configuração da identidade sedimentada (ser padre/ser terapeuta) e sua relação, a um só tempo, com o cuidado não-substitutivo a que ambos podem exercer; ou mesmo as possibilidades de exercício do cuidado não-substitutivo pelos terapeutas em ambientes que não estão configurados segundo o *setting* clínico. Tais questões parecem poder usufruir deste trabalho nas considerações das possibilidades e expressões do cuidado não-substitutivo onde quer que possa acontecer - particularmente segundo os modos de ser dos terapeutas e profissionais da saúde. ●

## Referências

ALESP. Retrospectiva 2021: A ALESP presta homenagem ao Padre Júlio Lancellotti em sessão solene. **Youtube**. São Paulo: 09 fev. 2022. 1 vídeo (2h 49min). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=L2EKmuynVLg&ab\\_channel=Alesp](https://www.youtube.com/watch?v=L2EKmuynVLg&ab_channel=Alesp)> Acesso em 30 abr. 2022.

ASSIS, André S. **Historicidade e clínica**: contribuições para o método fenomenológico-hermenêutico na Psicologia. 2018. Tese (doutorado), Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

BINSWANGER, Ludwig. Sobre a psicoterapia. In: BINSWANGER, L. **Psicoterapia e análise existencial: ensaios, conferências e outros documentos**. Rio de Janeiro: Via verita, 2019.

CABRAL, Alexandre M. **Psicologia pós-identitária: da resistência existencial à crítica das matrizes cristãs da psicologia clínica moderna**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2018.

CASANOVA, Marco A. **Existência e transitoriedade**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2021.

DASTUR, Françoise; CABESTAN, Philippe. **Daseinsanálise: Fenomenologia e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2015.

HEIDEGGER, Martin. **Seminários de Zollikon: protocolos, diálogos, cartas**. São Paulo: Escuta, 2017.

\_\_\_\_\_. **Ser e Tempo**. Trad. Fausto Castilho. Campinas: Editora Unicamp; Petrópolis: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. **Ser e Tempo**. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2015.

HOLZHEY-KUNZ, Alice. **Daseinsanálise: o olhar filosófico-existencial sobre o sofrimento humano e sua terapia**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2018.

LANCELLOTTI, Júlio R. **Amor à maneira de Deus**. São Paulo: Planeta, 2021.

PRONZATO, Carlos. Padre Júlio Lancellotti, fé e rebeldia. **Youtube** São Paulo, 2021. 1 vídeo (43min). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=g223W92c5MU&ab\\_channel=CarlosPronzato](https://www.youtube.com/watch?v=g223W92c5MU&ab_channel=CarlosPronzato)> acesso em: 02 abr. 2022.